



VALLS, Álvaro L. M. *O que é ética*. 9ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. ISBN 85-11-01177-3.

## Edvaldo Rogério Santos Teixeira \*

Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo

A ética está presente em todos os campos das ciências e em todas as culturas como valor norteador da vida social. No contexto filosófico, a ética, por sua vez, está associada à fundamentação dos valores morais que regem o comportamento dos seres humanos em sociedade. Nesse sentido, a moral é o conjunto de regras aplicadas à sociedade no intuito de orientar cada indivíduo sobre o que é certo ou errado, moral ou imoral.

Todavia, a ética tenta explicar as regras morais de forma racional, ou seja, é uma reflexão sobre a moral. Em sentido amplo, tanto a ética como a moral ajudam o indivíduo a formar bases sólidas que determinam o caráter, as virtudes, e a sua forma de ser e agir em sociedade.

Etimologicamente os dois termos [ética e moral] possuem origem diferenciada. A palavra “ética” vem do grego “*ethos*” que designa “modo de ser” ou “caráter”. Por outro lado, a palavra “moral” vem do latim “*morale*” que designa “costumes (*mores*)”<sup>1</sup>.

Fazendo um estudo sobre a questão “ética”, percebe-se que essa palavra [ética] é bastante utilizada no cotidiano social. É algo que todo mundo parece saber, mas na hora de explicar, surge a complicação. Nesse caso, é suficiente ditar uma conceituação que gere uma comunicação sem complicação. Para Valls<sup>2</sup>, a ética pode ser entendida como um estudo ou uma “reflexão científica”, “filosófica” ou “teológica” sobre os “costumes e as ações humanas”. Segundo Ele, a ética, “tratando de normas de comportamento, deveria chamar-se uma ciência normativa. Tratando de costumes pareceria uma ciência descritiva. Ou uma ciência do tipo especulativo”.



Fazendo uma teorização do campo ético à variação dos costumes, é válido citarmos dois autores que colaboraram para a compreensão do conceito ético: Sócrates (470 – 399 a.C.) e Kant (1724 – 1804):

[...] Sócrates foi chamado muitos séculos depois de o fundador da moral. Porque a sua ética se baseava na convicção pessoal, adquirida através de um processo de consulta do seu demônio interior (como ele mesmo dizia) na tentativa de compreender as justiças das leis. Kant buscava uma ética de validade universal, que se apoiasse apenas na igualdade fundamental entre os homens [...]. No centro das questões éticas, aparece o dever ou obrigação moral [...]. Para Kant, os conteúdos éticos nunca são dados do exterior. O que cada um de nós tem, porém, é a forma do dever<sup>3</sup>.

Nesse momento, recorramos à Grécia antiga, especificamente, ao período áureo (500 – 300 a.C.) e vejamos como Platão (427 – 347 a.C.) e Aristóteles (384 – 322 a.C.) tratavam à questão ética. A saber, esse período foi marcado pelo surgimento de muitas teorias que até hoje servem de inspiração a muitos pensadores pós-modernos. Vejamos em síntese o pensamento ético de Platão: “ele parte da ideia de que todos os homens buscam a felicidade (centro das preocupações éticas). [...]. O ideal buscado pelo homem virtuoso é a imitação ou assimilação de Deus: aderir ao divino”<sup>4</sup>. Platão, por sua vez, elabora um quadro geral das principais virtudes:

- Justiça (*dike*) – a virtude geral que ordena e harmoniza, e assim nos assemelha ao invisível, divino, imortal e sábio.
- Prudência ou sabedoria (*frônesis* ou *sofia*) – é a virtude própria da alma racional, a racionalidade como o divino no homem: orientar-se para os bens divinos.
- Fortaleza ou valor (*andréia*) – faz com que as paixões mais nobres predominem, e que o prazer se subordine ao dever.
- Temperança (*sofrosine*) é a virtude de serenidade, autodomínio, harmonia individual<sup>5</sup>.

Em vista a essas virtudes, é válido ressaltar que, a visão de sumo bem vai caracterizar a ética platônica, pois a vida divina, a contemplação filosófica, a virtude como harmonia universal são marcas registradas no pensamento filosófico e ético de Platão.



Na reflexão de Aristóteles<sup>6</sup>, a ética pode ser concebida como “finalista” e “eudemonista”, ou seja, marcada pelos fins que devem ser alcançados para que o homem atinja a felicidade (*eudaimonía*). Aristóteles observa o quanto é complexa a vida humana, por isso, concebe a ideia de que o ser humano necessita não apenas dos melhores dos “bens”, mas de várias “classes de bens” (amizade, saúde, riqueza, etc.) para alcançar a felicidade. Visto que, o homem tem o seu ser no “viver”, no “sentir” e na “razão”.

No livro intitulado “Ética a Eudemo” de Aristóteles, “o objetivo ou finalidade da vida humana é o culto e a contemplação do divino. Já na *Ética a Nicômaco* aparecem [...] os verdadeiros prazeres do homem [que] são as ações conforme as virtudes”<sup>7</sup>. Não obstante, Aristóteles assegura que o ser homem é formado por uma substância composta: “corpo material” e “alma espiritual”. Para o pensamento aristotélico “o corpo é sujeito às paixões, por isso, a alma deve desenvolver hábitos bons, uma vez que, a virtude é uma força adquirida, um hábito, que não brota espontaneamente da natureza”<sup>8</sup>.

Fazendo uma abordagem ao mundo da religião, a ética, como reflexão sobre a moral, apresenta o alto valor normativo. Na Grécia antiga as discussões sobre o mundo e a harmonia levaram os gregos a criarem algumas orientações à vida em sociedade que visavam à prática do bem, à “virtude” e à “harmonia” com a “natureza”. Segundo os gregos “devia haver uma ‘lei moral’ no mundo, que permitisse o homem viver de acordo com a sua ‘natureza’ (lei moral seria uma espécie de lei natural)”<sup>9</sup>.

Como a religião grega carregava em si o aspecto naturalista (os deuses eram personificados às forças da natureza) e a religião judaica concebe a ideia de um Deus que está acima das forças naturais, em termos éticos e morais, esse duelo teológico vai causar sérias consequências. Valls apresenta que:

Quando o homem se pergunta como deve agir, não pode mais satisfazer-se com a resposta que manda agir de acordo com a natureza, mas deve agir de acordo com a vontade do Deus pessoal. [...] torna-se necessário conhecer a vontade deste Deus pessoal, e a filosofia sente a necessidade de uma ajuda fundamental: os homens procuram a revelação de Deus<sup>10</sup>.



Fazendo um colóquio em relação à religião do Abraão e Moisés no Antigo Testamento e os ensinamentos de Jesus Cristo, observa-se certa continuidade, um aperfeiçoamento: no texto bíblico, Jesus Cristo afirma que não veio negar a lei, mas aperfeiçoá-la com o mandamento do amor. É um amor que se difere do amor grego e do amor judaico apenas por alguns acréscimos como o perdão, a caridade, a gratuidade, o serviço ao necessitado, etc., e algumas normas éticas e morais que norteiam a vida. Valls acrescenta:

A religião trouxe, sem dúvida alguma, um grande progresso moral à humanidade. A meta da vida moral mais alta, numa santidade. A própria religião serviu de base para alguns filósofos e moralistas, levando novas questões como a do relacionamento entre a natureza e a liberdade<sup>11</sup>.

No entanto, é certo discorrer que no período da Idade Média, o pensamento ético estava ligado à religião, à interpretação bíblica e à própria teologia. Na Idade Moderna havia duas tendências: “a busca de uma ética laica, racional, baseada na lei natural ou numa estrutura (transcendental) da subjetividade humana [...], e por outro lado, novas formas de sínteses entre o pensamento ético-filosófico e a doutrina da revelação (especialmente cristã)”<sup>12</sup>.

Em consequência a essas tendências que visavam unir a ética religiosa à reflexão filosófica, na modernidade e na contemporaneidade, vão surgir práticas e teorias que rejeitam as contribuições do universo religioso, Valls aponta algumas práticas-teóricas contrárias<sup>13</sup>:

- A concepção determinista – que ignora a liberdade humana como sendo uma ilusão.
- A concepção racionalista – procurava deduzir da natureza humana as formas corretas da ação moral.
- A concepção utilitarista – o bem é o que traz vantagens para muitos.

Apesar da tentativa de desvincular o pensamento ético do religioso essas tendências não esvaziaram a vivência ética de cada época, pelo contrário, buscaram compreendê-la em cada sociedade. Por isso, é certo afirmarmos que a ética possui alguns ideais que a norteia enquanto tal. Diante da reflexão de Valls<sup>14</sup>, para os gregos, o ideal ético estava na busca “teórica” e



“prática do bem” ou na busca pela “felicidade” e, por seguinte, no viver de acordo com a “natureza”, em “harmonia” com o “cosmo”. Quando essa temática ética se volta ao cristianismo da Idade Média, ao renascimento e ao iluminismo, Valls apresenta que:

No cristianismo, os ideais éticos se fundem com o religioso. O homem viveria para conhecer e amar e servir a Deus [...]. O ideal ético é o de uma vida espiritual de acordo com o espírito, vida de amor e fraternidade [...]. No renascimento e no iluminismo o ideal ético seria viver de acordo com a própria liberdade pessoal, e em termos sociais o grande lema foi o dos franceses: liberdade, igualdade e fraternidade.

No século XX, os pensadores da existência, insistiram sobre a liberdade como ideal ético. [...] o pensamento social e dialético buscou como ideal ético a ideia de uma vida social mais justa, com superação das injustiças econômicas<sup>15</sup>.

Diante do exposto percebemos que a reflexão ética na história das sociedades sempre foi pauta das reflexões sobre a vida social. Contudo, é válido ressaltar que a ética sempre nos faz lembrar as normas (como devemos agir) e as responsabilidades.

No pensamento ético dos filósofos estoicos, gregos ou romanos “o sábio é sempre livre, mesmo que esteja aprisionado e acorrentado”<sup>16</sup>.

Em Hegel, a questão da liberdade não é somente uma ação exterior ou interior, mas se desenvolve na “consciência” e na “estrutura”. No entanto, Valls descreve que “nos gregos, as normas exteriores da *polis* não respeitavam a liberdade individual. Com o cristianismo teria surgido a consciência profunda da liberdade e do valor infinito de cada indivíduo”<sup>17</sup>.

Sobre esse ponto, é plausível dizer que a ocupação da ética, a partir de então, seguindo o raciocínio de Valls<sup>18</sup> é com as formas humanas de resolver as contradições entre: “necessidade e possibilidade”; “tempo e eternidade”; “individual e social”, “natural e cultural”, “inteligência e vontade”.

Diante das contradições visíveis, é possível discorrermos sobre o comportamento humano, no que concerne o bem e o mal. Kierkegaard já afirmava que a ética grega era apenas uma “estética” e que o “belo” e o “bom” “se resumia na busca da beleza, do prazer, de tudo o que era agradável”<sup>19</sup>.



Voltando à Idade Média, Valls aponta que a “ética medieval era apenas um comportamento religioso, e não ético. Pois o comportamento era orientado pelos mandamentos divinos e pela autoridade religiosa”<sup>20</sup>.

Com o renascimento e a Idade Moderna, o surgimento da imprensa e a nova concepção de mundo, a propagação cultural, o estudo sobre a moral vai se renovar tanto nos aspectos individuais quanto aos sociais e estatais. “O indivíduo procura agir de acordo com a sua razão natural”<sup>21</sup>.

Contudo, podemos salientar que diante das reflexões éticas abordadas por Valls, hoje os problemas éticos estão presente em três momentos da eticidade: família, sociedade civil e estado. Vejamos, em parte, a análise de Valls<sup>22</sup> cada uma delas:

**Família** – hoje se coloca de maneira aguda as questões das exigências éticas do amor. [...]. As transformações históricas exigem reformulações nas doutrinas tradicionais éticas sobre o relacionamento dos pais com os filhos. Novos problemas surgiram com a presença maior da escola e dos meios de comunicação na vida diária dos filhos.

**Sociedade civil** – a ética contemporânea aprendeu a preocupar-se com o julgamento do sistema econômico como um todo. O bem e o mal não existem apenas nas consciências individuais, mas também nas estruturas institucionalizadas de um sistema.

**Estado** – problemas éticos são ricos e complexos. A ética política revisou os ideais de um cosmopolitismo indeterminado de um Kant e reconheceu as análises de Hegel (nacionalidade e organização estatal como ápice da liberdade). A liberdade do indivíduo só é completa como liberdade do cidadão de um Estado livre e de direito.

Portanto, estas reflexões sobre o conceito ético abordado pelo autor, são de suma importância aos estudos sociais, políticos, econômicos e religiosos da contemporaneidade. Visto que, os grandes pensadores como Bacon, Hegel, Kant e outros se ocuparam em desenvolver e refletir ao mesmo tempo a conceituação ética na vida social. Espera-se que essas reflexões nos ajudem a assumir com responsabilidade a nossa vida em sociedade de maneira mais ética e mais humana. Como afirmava Bacon: “Saber é poder”.



---

\* Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo; trabalha no IESF – Instituto de Ensino Superior Franciscano; e-mail: [santeixeira10@hotmail.com](mailto:santeixeira10@hotmail.com)

<sup>1</sup> Melhoramentos dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Editora melhoramentos, 2009

<sup>2</sup> VALLS, 1994, p. 7.

<sup>3</sup> Ibidem, p. 17-21.

<sup>4</sup> Ibidem, p. 25.

<sup>5</sup> Ibidem, p. 27.

<sup>6</sup> Ibidem, p. 29-30.

<sup>7</sup> Ibidem, p. 32.

<sup>8</sup> Ibidem, p. 33.

<sup>9</sup> Ibidem, p. 32.

<sup>10</sup> Ibidem, p. 36.

<sup>11</sup> Ibidem, p. 37.

<sup>12</sup> Ibidem, p. 38.

<sup>13</sup> Ibidem, p. 40.

<sup>14</sup> Ibidem, p. 43-44.

<sup>15</sup> Ibidem, p. 44-45.

<sup>16</sup> Ibidem, p. 50.

<sup>17</sup> Ibidem, p. 53.

<sup>18</sup> Ibidem, p. 56.

<sup>19</sup> Ibidem, p. 62.

<sup>20</sup> Ibidem, p. 62.

<sup>21</sup> Ibidem, p. 63.

<sup>22</sup> Ibidem, p. 71-78.